



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E ESPECIALIZAÇÃO
Curso de Pós graduação em Mídias na Educação

ANA LÚCIA SILVA DA SILVA

**O USO DO COMPUTADOR COMO FERRAMENTA PARA ALUNOS DO
PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO EXPRESSAREM E RECONHECEREM SUA
AUTOIDENTIDADE: UMA MANEIRA DE RESSIGNIFICAR AS RELAÇÕES
INTERPESSOAIS**

MACAPÁ
2012

ANA LÚCIA SILVA DA SILVA

**O USO DO COMPUTADOR COMO FERRAMENTA PARA ALUNOS DO
PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO EXPRESSAREM E RECONHECEREM SUA
AUTOIDENTIDADE: UMA MANEIRA DE RESSIGNIFICAR AS RELAÇÕES
INTERPESSOAIS**

Trabalho apresentado ao Curso de Pós graduação em Mídias na
Educação da Universidade Federal do Amapá, como requisito para
obtenção de grau de especialista em mídias na Educação.

Orientadora: Prof^aRaimunda Maria da Luz Silva

MACAPÁ
2012

**O USO DO COMPUTADOR COMO FERRAMENTA PARA ALUNOS DO
PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO EXPRESSAREM E RECONHECEREM SUA
AUTOIDENTIDADE: UMA MANEIRA DE RESSIGNIFICAR AS RELAÇÕES
INTERPESSOAIS**

Trabalho apresentado ao Curso de Pós graduação em Mídias na Educação da Universidade Federal do Amapá, como requisito para obtenção de grau de especialista em mídias na Educação.

Data de aprovação: 21 de setembro de 2012

BANCA AVALIADORA

Profa. M.Sc. Raimunda Maria da Luz Silva
Orientadora (Unifap)

Profa. M.Sc. Geyza D'Ávila Arruda
Avaliador(a) (Unifap)

Prof^a Inajara Amanda Fonseca Viana
Avaliador(a) (Unifap)

A filosofia do design que informa o conceito da Aldeia Humana reconhece o que os indivíduos desejam em suas vidas cotidianas; O que eles querem ver e sentir em suas vizinhanças, seus lares e seus locais de trabalho; uma sensação de calma, permanência e beleza intemporal, servida mas não dominada pelas maravilhas da tecnologia. Devolver a vida aos prazeres da privacidade e amizade em cenários feitos para a escala humana. Construir com previdência e restaurar com cuidado. Olhar primeiro para as pessoas.

Ben Park

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me ter guiado e iluminado em cada decisão a ser tomada;

A minha família, que é a base de toda da minha formação;

A minha orientadora Profa. Raimunda, que com toda paciência e dedicação me acompanhou nessa caminhada.

RESUMO

SILVA, Ana Lúcia Silva da. O uso do computador como ferramenta para alunos do programa mais educação expressarem e reconhecerem sua autoidentidade: uma maneira de ressignificar as relações interpessoais. Macapá 2012. Trabalho de Conclusão de Pós Graduação, Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

O objetivo desta pesquisa foi compreender como os alunos do programa mais educação constroem suas autoidentidade, utilizando o computador como ferramenta mediadora com intuito de ressignificar ações interpessoais, assim como intervir na realidade pessoal e social desses discentes utilizando o computador como ferramenta. Uma das concepções de autoidentidade, neste estudo, respalda-se na concepção teórica de Souza (2012), que evidencia que para o indivíduo construir sua singularidade é preciso a visão do outro. Isso porque o autoreconhecimento passa do processo interpsicológico para o intrapsicológico, ou seja, é através das relações interpessoais que o sujeito internaliza e (re)constrói sua identidade. Vygotsky (1894) salienta sobre a relevância do instrumento, como o computador, para modificação do comportamento humano. A pesquisa foi realizada em duas fases: a primeira foi a realização das entrevistas semiestruturadas com os alunos e observação participante das atividades práticas, e na segunda fase da pesquisa, através de um roteiro de observação. As entrevistas foram gravadas e posteriormente foram transcritas e analisadas minuciosamente. Os resultados mostram que a realidade sócio cultural põe os alunos entrevistados vulneráveis socialmente (por eles viverem em meio a traficantes, violência psicológica e física), que precisam ser estimulados diálogos com os pais ou responsáveis pelas crianças e a escola. Outros resultados evidenciam que a os participantes da pesquisa precisam refletir sobre as causas de mudanças de comportamento. Ademais ficou expresso que o uso do computador instiga a auto reflexão, posto que houve alguns participantes que não quiseram responder como se reconhecem e ao usar o computador como instrumento de atividade se expressaram, assim houve uma intervenção na realidade pessoal, logo social dos alunos participantes da pesquisa.

Palavras-chave: autoidentidade, relação interpessoal, autoreconhecimento.

ABSTRACT

SILVA, Ana Lucia Silva da. The use of the computer as a tool for program students express more education and realize their self-identity: a way to reframe the interpersonal relationships. Macapá 2012. Conclusion Work Graduate, Federal University of Amapá - UNIFAP.

The objective of this research was to understand how students build their education program more self-identity, using the computer as a tool in order to reframe mediating interpersonal actions, as well as intervene in the personal and social reality of these students using the computer as a tool. One of the concepts of self-identity, this study draws upon the theoretical conception de Souza (2012), which shows that the individual must build its uniqueness is the vision of the other. This is because the process passes *autoreconhecimento* interpsychological to intrapsychological, ie through interpersonal relationships is that the subject internalizes and (re) construct identity. Vygotsky (1894) emphasizes the relevance of the instrument, such as a computer, to change human behavior. The research was conducted in two phases: the first was the realization of semi-structured interviews with students and participant observation of practical activities, and in the second research phase, through an observation guide. The interviews were recorded and were later transcribed and analyzed thoroughly. The results show that cultural reality partner puts students interviewed socially vulnerable (they live in the midst of traffickers, psychological and physical violence), that need to be stimulated dialogues with parents or guardians and the school. Other results show that research participants need to reflect on the causes of behavioral changes. Also expressed was that the use of computer instigates selfreflection, for there were some participants who refused to answer how to recognize and use the computer as a tool activity is expressed, so there was a personal intervention in reality, social logo of the participating students search.

Keywords: selfidentity, interpersonal relationships, *autoreconhecimento*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A CONSTRUÇÃO DA AUTOIDENTIDADE: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO AUTOCONHECIMENTO A PARTIR DE DOIS PLANOS - O SOCIAL E O INDIVIDUAL.....	12
2. O USO DO COMPUTADOR COMO UM DOS RECURSOS DE EXPRESSÕES DA AUTOIDENTIDADE DE ALUNOS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO.....	18
3 MÉTODO DE PESQUISA.....	24
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
3.1.1 Caracterização da escola campo.....	25
3.1.2 Participantes.....	28
3.1.3 Materiais.....	28
3.1.4 Obtenção das informações empíricas.....	28
4 RESULTADO E DISCUSSÕES DAS INFORMAÇÕES EMPÍRICAS.....	30
4.1 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES EMPÍRICAS.....	30
4.1.1 A relação interpessoal intra e extraescolar.....	31
4.1.2 Autorreconhecimento.....	34
4.1.3 O uso do computador e a construção da autoidentidade.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
6. REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A – Autorização dos pais dos alunos.....	48
APÊNDICE B – roteiro de entrevista semi-estruturada.....	50
APÊNDICE C – relatório de observação.....	51
APÊNDICE D – perguntas para instigar o diálogo.....	52
APÊNDICE E – autorização para a pesquisa campo.....	53

INTRODUÇÃO

Uma das inclinações ao longo do desenvolvimento da espécie humana traduz-se na criação de objetos técnicos cada vez mais complexos, os quais consentem a interpretação e a comunicação de informações. Por essa razão, além de interpelar a mente humana, possibilitam a impressão da interioridade do ser humano.

Desse modo, as ações escolares devem levar em consideração os benefícios e as possibilidades que as tecnologias oferecem, ou seja, não se trata apenas de aquisições avolumadas de informações ou conhecimentos, mas também da maneira de agir, de atitudes e de valores, à margem do contexto escolar (COLL e MARTÍ, 2004).

As NTIC¹ possibilitam um meio do sujeito se representar e se comunicar de maneira inovadora. Tal fato pode produzir mudanças relevantes em determinadas características do funcionamento psicológico dos indivíduos. Atuando como mediadora semiótica, bem como a escrita, a linguagem oral, a NTIC altera a maneira de memorizar, refletir, de interagir, assim como aprender (DONALD, 1993; OLSON, 1986, VYGOTSKY, 1979 *apud* COLL e MARTÍ, 2004).

Sendo a semiótica a ciência que pesquisa a relação entre os signos, linguísticos ou não, e suas acepções (HOUAISS, 2010) e sendo a tecnologia, como o computador, um mediador de interiorização de significados, sentidos, capazes de transformar posturas, concepções de mundo, pode-se, portanto, imprimir a relevância deste estudo, que tem como tema “O uso do computador como um das formas, de alunos do programa mais educação, expressarem e reconhecerem sua auto identidade: uma maneira de ressignificar as relações interpessoais”.

1 Novas possibilidades Técnicas de representação e de transmissão da Informação e da Comunicação (NTIC).

O interesse pelo problema direcionado à discussão sobre o uso de tecnologias e a expressão, bem como o reconhecimento da autoidentidade realizado por discentes do programa mais Educação, surgiu a partir da experiência da autora deste estudo, com jovens em vulnerabilidade social no ambiente onde trabalha. O ponto de interseção entre a experiência profissional da autora com o programa mais educação está em uma das metas do programa referido, que é a tentativa de diminuir as desigualdades educacionais, bem como a valorização da diversidade cultural brasileira.

O Programa supramencionado foi criado como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da educação integral. A portaria que instituiu o programa é a de número 17/2007.

Nessa perspectiva, este trabalho além de proporcionar a autoreflexão de alunos do programa mencionado, o que possibilitará um autoconhecimento, permitirá, também, a expressão de crianças adolescentes acerca de suas realidades sociais e afetivas, bem como a interação entre esses e a autora da pesquisa.

Nessa linha de pensamento, frisa-se a importância social deste projeto. Isso porque haverá possibilidades de intervenção utilizando o diálogo e o uso da tecnologia como ferramenta, como meio para se estabelecer e iniciar conversas entre os participantes da pesquisa.

Deste modo, busca-se com esse estudo compreender como os alunos do mais educação constroem suas autoidentidades utilizando o computador como ferramenta mediadora com intuito de ressignificar ações interpessoais, assim como intervir na realidade pessoal e social desses discentes utilizando o computador como ferramenta.

Para alcançar tais objetivos gerais, tem-se os específicos: refletir sobre as expressões emitidas por crianças do programa mais educação tendo como meio o computador; analisar como os alunos do programa mais educação constroem, socialmente, a imagem de si; estimular autorreflexão e provocar diálogo entre os participantes da pesquisa a partir do que foi manifestado pelos discentes no computador.

Nesse contexto, emerge o problema da pesquisa: como o uso do computador poderá ser uma ferramenta para que os alunos do programa mais

educação expressem e reconheçam sua autoidentidade, a fim de ressignificar as relações interpessoais, bem como ser um meio para motivar diálogo sobre a vida social e pessoal dos estudantes participantes desse estudo?

Como resposta a inquirição supramencionada tem-se a hipótese deste estudo que é: através de um dos recursos disponibilizado pelo computador Kolorpaint, os alunos do programa mais educação poderão expressar a imagem de si. Isso porque esse editor gráfico similar ao Paint da Microsoft, possibilita trabalhar com imagens. Deste modo, fornecerá espaço para interação entre a pesquisadora e os participantes dessa pesquisa, uma vez que os estudantes irão expressar-se sobre seus trabalhos.

A abordagem sócio-histórica, tendo o materialismo histórico-dialético como concepção de método será usado neste estudo por alicerçar-se na perspectiva de que o pensamento, as ideologias, as concepções de mundo são elementos da apropriação subjetiva da realidade objetiva. Fundamenta-se, portanto, em entender o sujeito na sua totalidade, dialogando os aspectos externos e os internos, sem desconsiderar a relação do indivíduo com a sociedade a qual pertence (BAKHTIN, 1988; VYGOTSKY, 2004). A partir disso, é possível embasar esta pesquisa em sua forma qualitativa.

Nessa linha de raciocínio, Bakhtin (1988) assevera que só é possível entender homens e mulheres em suas relações interpessoais por meio de textos, signos criados ou em processo de construção. Desse modo, os sujeitos sociais devem ser estudados a partir das interações que estabelecem com o contexto social, político, ideológico e cultural que participam.

1 - A CONSTRUÇÃO DA AUTOIDENTIDADE: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO AUTOCONHECIMENTO A PARTIR DE DOIS PLANOS: O SOCIAL E O INDIVIDUAL

Desde a infância, através das relações que estabelece com o mundo e com os outros, homens e mulheres constroem sua identidade a partir do grupo social que participam, do contexto familiar, das experiências individuais, de acordo com os valores, ideais e normas que estruturam sua visão de mundo. É nas relações interpessoais que a identidade se desenvolve, uma vez que não há um “eu” ou um “nós” senão frente ao outro – jogo de papéis sociais e suas representações (SOUZA, 2012).

De acordo com Souza (2012), para cada um construir sua singularidade, é fundamental a visão que os outros têm de sua pessoa. Na pós-modernidade, cada vez mais a peculiaridade de cada sujeito aparece como um valor e a construção da identidade se apresenta, então, como um processo que envolve a ação do próprio indivíduo.

Nessa perspectiva, o autoconceito é construído a partir das relações interpessoais levando em consideração os elementos culturais, sociais, históricos. Nessa linha de pensamento, as crianças em vulnerabilidade social se apropriam dos conceitos organizados e construídos ao longo do contexto social.

Nesse sentido, Silva (2012) frisa que a identidade é um dos elementos mais relevantes no processo de formação social, uma vez que ela se constrói num determinado contexto histórico e cultural, bem como se associa as referências coletivas de um determinado grupo que o sujeito insere-se. Nesse caminho de raciocínio, Novaes (*apud* GOMES, 1995, p. 39) discorre acerca da identidade no âmbito social:

A identidade só pode ser usada no plano do discurso e aparece como um recurso para a criação de um nós coletivo - nós índios, nós mulheres, nós negros, nós homossexuais, nós professores. De acordo com a autora, esse nós se refere a uma identidade (igualdade) que, na realidade, não pode ser verificada de maneira efetiva, mas torna-se um recurso indispensável ao nosso sistema de representações. Indispensável porque é a partir da descoberta, reafirmação ou criação cultural de suas semelhanças que um grupo social qualquer terá condições de reivindicar para si um espaço social e político de atuação em uma situação de confronto.

No âmbito pessoal a identidade é vista por Selaibe e Penna (*apud* GOMES, 1995, p. 42 e 43) como:

[...] aquilo que diferencia cada um e nós e só nos iguala a nós mesmos, mesmo que seja entendida num processo de transformação, é da ordem da representação e está localizada na consciência. Ela diz respeito à imagem como a pessoa se vê no plano subjetivo, como percebe o que lhe é próprio enquanto individualidade diferenciada.

Desse modo, a autoidentidade se constrói num processo dinâmico durante as relações sociais e pessoais. Portanto, o “eu” do indivíduo se forma na identificação com as partes significativas do grupo social que este sujeito participa.

De acordo com Silva (1995) é no contexto das relações interpessoais, por meio das identificações, que as crianças se percebem como membros do mundo social específico, levando em consideração o modo como são tratadas e identificadas pelos outros sujeitos que tem significados para elas. Desse modo, é nesse contexto social, que as crianças adquirem uma autoimagem na qual moldarão sua identidade.

Nessa linha de pensamento, diz Silva (1995, p. 25) que

[...] é na *socialização primária* que a transmissão de valores e crenças dos agentes mediadores de seu grupo social influencia decisivamente na sua forma de pensar e agir. Sendo a identidade construída no processo das interações sociais, quando se trata das interações entre brancos e negros, ela tende a se tornar conflitiva, pois entra em jogo nesta relação a questão das representações que cada um tem de si e do outro, e estas representações tramitam imagens de identidades que se processam num campo simbólico mediante a atribuição de papéis de reconhecimento social [...].

De acordo com Berger e Luckman (1987) os papéis sociais dão corpo à ordem social e são interiorizados pela autoconsciência dos sujeitos, possibilitando leva-los a autoidentificar-se com os vários tipos de sujeitos que lhes são atribuídos socialmente.

Ferreira (2012, p. 44), contribui com tal discussão ao asseverar que:

[...] Se, no entanto, o indivíduo constitui suas concepções de realidade nas relações de interações, e se essas relações são *mediadas por padrões, por crenças, práticas e normas de toda a sociedade*, e, se a sociedade também é parte deste indivíduo, as suas representações sociais são constituintes do seu mundo simbólico pessoal e são construídas através de um processo dialético no qual ele é co-participante [...].

Desse modo, a autoimagem ou autorrepresentação do indivíduo, constituída na experiência social, interfere significamente na formação da sua identidade e na sua vivência social, uma vez que as particularidades de tais experiências determinarão o modo como ele constrói e organiza suas referências de mundo.

Ferreira (2012) traz para essa discussão outro elemento que precisa ser exposto no processo da construção da autoidentidade: a arte de pensar. Esse autor expressa que o pensar é a revelação mais sublime da inteligência, contudo nem todas as pessoas desenvolvem a arte de pensar de maneira qualitativa, tais como:

- Aprender a se interiorizar;
- Trabalhar as perdas e frustrações com dignidade;
- Pensar com liberdade;
- Ter consciência crítica, romper com as ditaduras intelectuais;
- Gerenciar com maturidade os pensamentos e emoções nos focos de tensão;
- Desenvolver sabedoria diante das dores;
- Desenvolver a arte de contemplação do belo;
- Aprender a se colocar no lugar do outro e a se doar sem contrapartida do retorno.

A contextualização acima realça que o pensar estimula o sujeito a crivar elementos saudáveis, mais interessantes para sua vida social e pessoal. Ademais, a arte de pensar contribui para que a formação da autoidentidade do sujeito seja realizada de maneira reflexiva. Velho (2006) afirma que a

construção das identidades é um processo que decorre ao longo do tempo, é dinâmico, transforma-se e se dá em vários contextos socioculturais e níveis de realidade. Daí a importância de refletir sobre os acontecimentos na vida social e pessoal do sujeito durante as relações interpessoais.

Nessa perspectiva, Souza (2012, p. 6) corrobora que:

[...] No sentido mesmo de extraírem um saber dos próprios jovens (indivíduo) e sobre outros jovens (coletivo), evidenciando que nessa relação não basta somente analisar a maneira como esses se tornam jovens conscientes (sujeitos de governo), e detentores de conhecimentos (objetos de conhecimento), porém, capazes de produzirem um discurso sobre si mesmo, sobre sua existência, sobre seus afetos, sobre sua sexualidade, sua etnia, suas angústias, seus medos, alegrias, conquistas. Potencializando-os, nas suas trajetórias de vida, onde a tornem objetos de múltiplos saberes, configurando um *biopoder*, como assim denomina Michel Foucault [...].

Há, portanto, a necessidade de abordar outro aspecto relacionado à construção da autoidentidade: a cultura, a qual é compreendida como a união de saberes, valores, tradições, habilidades e crenças que são difundidas por um determinado grupo social. Nesse sentido, Bosi (1999) aponta três tipos de cultura: a popular, a erudita ou superior e a de massa.

A cultura popular é cíclica, é vivenciada de modo expressivo em cidades pequenas ou em áreas rurais. A cultura erudita ou superior é vivenciada por aqueles que conseguem ter acesso à escolaridade média ou superior. A cultura de massa oferecida pelos meios de comunicação (mídia) caracteriza-se por um tempo cultural acelerado e tem como imperativo categórico o da fabricação ininterrupta de bens/produtos simbólicos.

Independentemente do tipo de cultura que se sobressaia em determinado sociedade, certamente a história, a memória e as suas tradições são elementos fundamentais para a construção da identidade cultural. Thompson (1998) entende que há dois tipos de identidade: a autoidentidade e a identidade coletiva.

A auto-identidade é o sentido que cada um tem de si mesmo dotado de certas características e potencialidades pessoais [...]. A identidade coletiva é o sentido que cada um tem de si mesmo como membro de um grupo social que tem uma história própria e um destino coletivo [...]. O sentido que cada um tem de si mesmo e o sentido de pertença a um grupo são modelados – em vários graus dependendo do contexto social – pelos valores, crenças e padrões de comportamento que são transmitidos do passado [...]. O processo de identidade cultural nunca pode começar do nada, se constrói sobre um conjunto

de material simbólico preexistente que constitui a fonte da identidade. (THOMPSON, 1998, p. 164-165).

Logo, a construção da autoidentidade da criança está relacionada à identidade cultural, a qual se relaciona com a história desse indivíduo. Nesse sentido, a interação social, nos tempos atuais, se estabelece de maneira mediada e não somente pela comunicação interpessoal, posto que a cultura tecnológica formada ao longo da história possibilita essa “nova” maneira de relações pessoais e interpessoais.

A partir do contexto levantado, é possível inferir que os meios de comunicação eletrônicos possibilitam uma espécie de um novo povo. Contudo, homens e mulheres participam desse povo, não fisicamente, mas “eletronicamente”.

A cultura da mídia fornece aos indivíduos de nossa época “imagens daquilo que é apropriado em termos de modelos sociais, comportamentos sexuais, estilo e aparência”. Ela fornece recursos para a formação de identidades e apresenta novas formas de identidade nas quais a aparência, o jeito de ser e a imagem substituem coisas como a ação e o compromisso na constituição da identidade (KLEIN, 2005, p. 91).

Assim, entende-se que o processo de construção da autoidentidade se dá de diferentes maneiras e que todas essas expressam sentido durante o processo de internalização, reflexão, dos conhecimentos, das experiências ao longo do desenvolvimento social dos sujeitos.

A linguagem, nesse processo, recebe um destaque, em razão desta possibilitar a comunicação entre o mundo externo e interno. Isso porque

[...] a compreensão, enquanto núcleo constitutivo do ser humano, só pode ser apreendida como procedimento humano constituído pela linguagem que se manifesta pelo diálogo e pela palavra viva [...] (DALBOSCO, 2006, p.50).

Deste modo, as expressões lançadas no dia-a-dia de jovens em vulnerabilidade social ganham força e valor pessoal.

A autoidentidade, portanto, vai assim se formando, ao longo do crescimento de crianças, jovens e adultos, por meio de identificações que se dão a princípio no campo das relações familiares, estendendo-se ao longo do tempo para outros espaços sociais. Na adolescência há o abandono da

identidade infantil, e, por conseguinte, a busca de uma nova identidade com características adultas. Sendo uma identidade frágil, que está em busca de uma nova forma de ser, o processo de autoafirmação passa por todos os seus momentos de construção e está no centro dos conflitos, das incertezas e também dos sucessos dessa fase (GONÇALVES, 2012).

Para Bosma (1994), a adolescência é o tempo de desenvolvimento da identidade pelas transformações que ela comporta. Só com um funcionamento cognitivo adulto é que o sujeito pode tratar questões abstratas como escolha profissional, filosofia de vida, relacionamentos amorosos e estilos de vida. “O adolescente torna-se progressivamente consciente da irreversibilidade de um bom número de escolhas com as quais ele é confrontado” (p. 292).

Schoen-Ferreira *et al* (2012) contribui com tal discussão ao dizer que a formação da identidade pessoal é vista como tarefa mais relevante da adolescência, o passo crucial da transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro. Construir uma identidade, para Erikson (1972), envolve em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. Este autor entende que a identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido.

Portanto, a auto-identidade reflete a concepção de mundo do sujeito, mesmo que esta possa ser transformada, posto que o sujeito é um ser que está em constante transformação.

2 – O USO DO COMPUTADOR COMO UM DOS RECURSOS DE EXPRESSÕES DA AUTOIDENTIDADE DE ALUNOS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Souza (2012) esclarece que através da velocidade exacerbada de informações possibilitada pela tecnologia ou mídias, os elementos da sociedade, ou seja, os componentes que formam a sociedade ou a integram, como: objetos tecnológicos, o ser humano, estão em constante contato e interação de alguma maneira, simultaneamente, com as dimensões regionais e globais interferindo diretamente nos processos de identificação do indivíduo.

O autor acima mencionado explica que:

São as referências sócio-culturais, locais e globais, o campo de escolhas que se apresenta ao indivíduo e, dessa forma, amplia-se a esfera da liberdade pessoal e o exercício da decisão voluntária. A resposta às perguntas “quem sou eu”, “com quem me reconheço” e “de quem me diferencia” não está dada: ela deve ser construída. A identidade é vivenciada, assim, como uma ação, e não tanto como uma situação; é o indivíduo que constrói a sua consistência e seu reconhecimento, no interior dos limites postos pelo ambiente e pelas relações sociais. É uma interação social na qual o indivíduo não se sente ligado aos outros apenas pelo fato de existir interesses comuns, mas, sobretudo, porque esta é a condição para que possa reconhecer o sentido do que faz, e se afirmar como sujeito de suas ações (SOUZA, 2012, p.3).

Vygotsky (1984) contribui ao afirmar que o uso de instrumentos, como o computador, modifica o comportamento humano, ou seja, da mesma maneira que age sobre a natureza, transformando-a, homens e mulheres agem sobre si, modificando suas formas de agir. De acordo com a concepção histórico-cultural, a relação entre homens, mulheres e meio é mediada por produtos culturais humanos, como instrumento e o signo, e pelo “outro”.

Diante disso é preciso destacar que o uso do computador como ferramenta para jovens em vulnerabilidade social emitirem a imagem de si poderá desencadear uma série de discussões sobre como mudar a realidade posta ao longo do processo histórico-social-cultural, a qual apresenta comportamentos que são apropriados por esses indivíduos.

Logo, esta pesquisa tem como base a teoria sócio histórica de Vygotsky. Acredita-se, portanto, que a

[...] função psicológica se desenvolve em dois planos: primeiro, no da relação entre indivíduos e, depois, no próprio indivíduo. O processo de desenvolvimento vai do social para o individual, ou seja, as nossas maneiras de pensar e agir são resultado da apropriação de formas culturais de ação e de pensamento (CRUZ e FONTANA, 1997).

Desse modo, as origens e os porquês do funcionamento psicológico, bem como as ações humanas, devem ser investigadas nas interações sociais, as quais permitem a construção da autoidentidade. Além disso, é durante as relações interpessoais que homens e mulheres têm acesso aos instrumentos, como o computador, e aos signos que consentem o desenvolvimento de novas formas culturais de atividades, de reestruturar a realidade e o próprio ser humano. Daí ser essencial o desenrolar desta pesquisa, uma vez que possibilita: o uso de instrumento, relações interpessoais e, por conseguinte, ressignificação de postura dos jovens em risco social durante o desenvolvimento interpessoal.

Nesse contexto, Dias (2012) comenta que a modernidade, caracterizada como uma ordem pós-tradicional, ao quebrar com as práticas e preceitos preestabelecidos, realça o cultivo das potencialidades individuais, ofertando ao indivíduo uma identidade "móvel", mutável. É, nesse sentido, que, na modernidade, o "eu" torna-se, cada vez mais, um projeto reflexivo, pois não há mais a referência da tradição, revela-se, para homens e mulheres, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. O sujeito passa a ser responsável por si mesmo e o planejamento estratégico da vida assume especial importância.

Deste modo, é no contexto econômico, político, social, cultural que os jovens em risco social constroem sua autoidentidade. Zurba, Melgarejo e Fagundes (2012) discorrem que a expressão "jovem em situação de risco" foi emitida por alguns autores como Campos (1994) e emergiu na substituição do vocábulo "criança de rua". Esses autores, ainda, informam que o termo jovem em risco social dirige-se a sujeitos menores de 18 anos de idade que:

[...] Sofrem riscos contra sua identidade física; contam com vínculos familiares frágeis ou inexistentes; não participam regularmente de atividades de ensino formal, como escolas ou centros educacionais, embora possam eventualmente contar com registro de matrícula em algum estabelecimento de ensino cuja frequência seja irregular; encontram-se em baixo nível econômico; atuam como provedores do próprio sustento ou de seus familiares [...] (ZURBA, MELGAREJO E FAGUNDES, 2012, p.2).

A “situação de risco”, deste modo, refere-se a riscos econômicos, sociais, culturais e afetivos. É bom esclarecer, informar que esses jovens em vulnerabilidade social, também, se apropriam da cultura universal, como é o caso da informática.

Kriesang (2012) corrobora que de maneira abrangente, informática pode ser entendida como uma Ciência que visa ao tratamento da informação por meio do uso de equipamentos e procedimentos. Para que se possa atribuir à informática a característica de sistema complexo e dinâmico, é necessário vê-la constituída, basicamente, de três componentes essenciais: os equipamentos (hardware), os programas (softwares) e “recursos” humanos (pessoas). Esses três elementos, em permanente transformação e recomposição vão, no seu tempo e lugar, formando um sistema inteligente complexo de relações das mais variadas. Além disso, a informática vem sendo inserida e usada como recurso tecnológico que modifica as relações sociais em que se apresenta.

Desse modo, não é possível desprezar a influência e/ou interferência das tecnologias do conhecimento na vida de homens e mulheres, mesmo naqueles que não disponham de contato direto com elas. Sob tal foco, Kriesang (2012, p.50) discorre que

Na escola, o computador “entrou pela porta dos fundos”. Isto é, primeiramente ocupava, com grande destaque, a sala do administrador, do diretor e do sistema burocrático-financeiro da instituição. Ali era e, por vezes, continua sendo um instrumento de poder e desenvolvimento - um símbolo de “progresso e qualidade”. Correspondências, comunicados internos, propagandas e a contabilidade ficaram muito mais dinâmicas e “perfeitas” com o uso do computador (até os boletins dos alunos ficaram mais “bonitos”). Aos poucos, aqueles professores mais ousados, usavam-no para reproduzir os exercícios que posteriormente eram aplicados (no papel) aos alunos. Com estas generalizações, obviamente, não estou querendo omitir o árduo trabalho pioneiro e inovador dos educadores que ousaram se enveredar no mistério das descobertas e das possibilidades da (re)criação no e com o computador.

Ripper (2012, p. 3), sob tal contexto, salienta a possibilidade de se “[...] trabalhar com o computador como instrumento mediador da construção da linguagem escrita [...]” no ambiente escolar. Nessa perspectiva, Wertch (1985 *apud* COLL e MARTÍ, 2004) diz que a utilização de um sistema de signos, bem como ferramentas produzidos socialmente e conhecido pelo sujeito durante seu

desenvolvimento social transforma a fala, o modo de pensar e de maneira geral a ação desses indivíduos; “[...] signos estes que se caracterizam por serem significativos – o significado de signo como elemento instrumental- e cuja natureza primordial é comunicativa” (p. 102).

É nas relações interpessoais que essa comunicação se realiza. Além disso, “[...] nossas atividades cotidianas são cada vez mais influenciadas por eventos ocorrendo do outro lado do mundo; e, inversamente, hábitos locais de estilo de vida tornam-se globalmente consequentes [...]” (GIDDENS, 1994, p. 39).

Isso porque o desenvolvimento está intimamente associado ao contexto sócio-cultural em que o indivíduo está inserido e se processa de maneira dinâmica (e dialética) por meio de rupturas e desequilíbrios provocadores de contínuas reorganizações por parte do sujeito (VYGOTSKY *apud* REGO 2008). Vygotsky (1978, p. 55), nessa linha de pensamento, formou a relação entre o grupo social e o desenvolvimento pessoal em sua lei genética do desenvolvimento social:

Qualquer função no desenvolvimento cultural do menino ou da menina aparece duas vezes, ou em dois planos. Primeiro aparece no plano social e depois no plano psicológico. Em primeiro lugar, aparece entre as pessoas como uma categoria interpsicológica e depois aparece na menina ou no menino com uma categoria intrapsicológica. Isso também é certo com relação à atenção voluntária, à memória lógica, à formação de conceitos e ao desenvolvimento da volição [...]. As relações sociais ou as relações entre as pessoas subjazem geneticamente a todas as funções e às suas relações.

Desse modo, é durante as relações interpessoais que homens e mulheres aprendem a ser o que são e estão em contínua transformação, uma vez que o mundo cultural, social, histórico não é estático, mas dinâmico. E é durante essas relações que eles entram em contato com os instrumentos culturais como o computador e transformam sua realidade, suas posturas diante da vida social. Portanto é, ainda, por meio do uso de instrumentos, dos signos sociais é que homens e mulheres constroem a imagem de si, a qual podem ser transformadas durante o desenvolvimento social.

Assim, o uso do computador pode ser uma forma das crianças em risco social, que participam do Programa mais educação, expressarem e refletirem sobre a autoidentidade delas.

É conveniente esclarecer que o Programa mais educação foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, como uma estratégia do Ministério da Educação para a construção de educação integral nas redes estaduais e municipais, há ampliação da jornada escolar nas escolas públicas para o mínimo de sete horas diárias, por meios de exercícios optativos nos macro campos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

Segundo o Ministério da Educação (2012), o programa mais educação objetiva garantir o direito de aprender, incidindo-se na diminuição das desigualdades educacionais por meio da ampliação da jornada escolar na perspectiva de educação integral. O MEC recomenda alguns critérios para inserir os estudantes no Programa mencionado para as escolas que não optarem em atender todos os alunos matriculados:

- Estudantes que estão em situação de risco e vulnerabilidade social;
- Estudantes que congregam, lideram, incentivam e influenciam positivamente seus colegas;
- Estudantes em defasagem ano escolar/idade;
- Estudantes dos anos finais da 1ª fase do ensino fundamental (4ª série / 5º ano) e da 2ª fase do ensino fundamental (8ª série/ 9º ano), entre os quais há maior saída extemporânea;
- Estudantes de séries/anos nos quais são detectados índices de saída extemporânea e/ou repetência;
- Estudantes que demonstram interesse em estar na escola por mais tempo.

Nessa perspectiva, o MEC (2012) assevera que o ideal da educação integral pode ser compreendido pelo direito de aprender como inerente ao direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência

familiar e comunitária. Através da educação integral, se reconhece as múltiplas dimensões do ser humano e a peculiaridade do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens.

3. MÉTODO DE PESQUISA

A abordagem sócio-histórica, tendo o materialismo histórico-dialético como concepção de método foi usado neste trabalho por alicerçar-se na perspectiva de que o pensamento, as ideologias, as concepções de mundo são elementos da apropriação subjetiva da realidade objetiva. Fundamenta-se, portanto, em entender o sujeito na sua totalidade, dialogando os aspectos externos e os internos, sem desconsiderar a relação do indivíduo com a sociedade a qual pertence (BAKHTIN, 1988; VYGOTSKY, 2004). A partir disso, é possível embasar este estudo em sua forma qualitativa.

Bakhtin (1988) assevera que só é possível entender homens e mulheres em suas relações interpessoais por meio de textos, signos criados ou em processo de construção. Desse modo, os sujeitos sociais devem ser estudados a partir das interações que estabelecem com o contexto social, político, ideológico e cultural que participam.

Sob tal temática, Marx e Engels (1986 *apud* FRIGOTTO, 2006) afirmam que a pesquisa com fundamento no materialismo histórico-dialético deve destacar sem especulação ou mistificação a ligação entre as concepções do sujeito históricos e a organização social e política:

[...] a produção de idéias, de representação da consciência está, de início, diretamente entrelaçada à atividade material e com intercâmbio material [...]. Os homens são os produtores de sua representação, de suas idéias etc, mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pôde ser outra do que ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real (FRIGOTTO, 2006, p. 76).

Assim, o método está ligado a uma concepção de realidade, de mundo, de vida em seu conjunto. Dessa maneira, ao usar o método reportado, tem-se a consideração que o pesquisador não é neutro e, conseqüentemente, interage com o objeto de pesquisa e assume uma posição teórica e política ao ter contato com o processo de construção de conhecimentos sobre o objeto pesquisado. Ainda sobre tal método, compreende-se que homens e mulheres se constroem com o meio social que vivem, logo, é no contexto onde se realizam as interações que os estudantes do programa mais educação devem

expressar e reconhecer sua autoidentidade tendo como instrumento o uso de computador.

Assim, foi possível estudar a realidade desses alunos, visto que a escola não é um ambiente desconectado da realidade social, econômica, política dos contextos sociais que esses participam.

De modo geral, o método baseado no materialismo histórico-dialético permitirá entender o discurso, a autoidentidade, as (in)certezas de alunos vulneráveis socialmente do programa mais educação como construções humanas tendo em vista a realidade material, formada pelos contextos políticos, social e econômico.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1.1 Caracterização da escola campo

A escola selecionada para a pesquisa campo está situada no Bairro dos Congós, do Município de Macapá, Estado de Amapá. Essa instituição de ensino atende aos moradores do bairro e também bairros vizinhos, como Zerão e Universidade. É um bairro populoso, caracteriza-se por um desenvolvimento comercial e de infraestrutura urbanizada. Contudo, existem problemas significativos no Bairro: as zonas de pobreza e violência, e a poluição dos lagos. O bairro dos Congós é povoado por moradores carentes e desprovidos de tecnologias.

A escola referida acima começou a funcionar como Escolinha de Reforço, na 4ª Avenida do bairro Novo Buritizal, em 03 de março de 1982, sob a coordenação da professora Tereza Dias. Os alunos dessa escolinha faziam parte de uma clientela que se encontrava fora de sala de aula por falta de escolas no bairro e atendiam na modalidade do pré-escolar de 04 a 06 anos.

Em 1988, a escolinha mudou-se para o prédio da Associação das Donas de Casa do Amapá (ADOCA), na Av. Carlos Drummond de Andrade, s/n no bairro Congós, já como “Jardim de Infância Tia Teca”. A ADOCA tinha um convênio firmado com a extinta Legião Brasileira de Assistência (LBA) e, em comum acordo com a Secretaria de Educação e Cultura (SEC), que cedeu o

espaço físico para o funcionamento do Jardim de Infância. Esse acordo foi feito verbalmente por aquela secretaria com a presença de professores, corpo administrativo e de apoio. Nele, a SEC comprometia-se também a fornecer material didático, pedagógico e permanente.

Em 1994, o presidente da ADOCA solicita a devolução do prédio. Em 1995, foi firmado contrato de locação do imóvel sob o nº 005/95-SEEC para funcionamento da escola, que se renovou até 1997.

Em 1998, atendendo exigências da Lei nº 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases (LDB), foi implantado o Ciclo Básico de Alfabetização (CBA), com uma clientela de 240 (duzentos e quarenta) crianças. Até esse período, não existia nenhum documento legalizando o funcionamento ou criação da referida escola.

Em janeiro de 2000; o “Jardim de Infância Tia Teca”, passou a localizar-se na 13ª avenida do Congós, hoje denominada Avenida Nilo Almeida.

Em 06 de abril de 2000, o Decreto nº 1206, cria o “Jardim de Infância Tia Teca”, com sua denominação de origem retroagindo à data de sua criação de 03 de março de 1982. Em 02 de maio de 2000, através da portaria nº 235/2000, a Secretaria de Estado da Educação e Desporto – SEED concede autorização de funcionamento.

Em 18 de julho de 2006, através do decreto nº 2198/06 – GEA (Diário Oficial nº 3808 de 18/07/2006 – terça-feira), a escola passa a denominar-se “Escola Estadual Professora Nelita Rocha Brito Dias”.

Atualmente, a Escola supramencionada está localizada na av. Nilo Almeida, nº01, no bairro Congós. Nos anos de 2010 a 2013, a escola passará por período de transição na modalidade de atendimento do Ensino Fundamental de séries iniciais de 1ª a 4ª para o ensino do 1º ao 5º ano e Educação Especial, com competência e credibilidade focadas no desenvolvimento integral das crianças atendidas.

A escola atende 617 alunos, na faixa etária de 06 a 14 anos. Ainda funciona em prédio alugado por convenio entre a SEED e a Diocese de Macapá. Apesar de algumas instalações encontrarem-se em estado precário, no momento, o prédio passa por obra de adaptação de acessibilidade arquitetônica.

Agrega em seu quadro de funcionários 43 servidores estaduais, 5 federais e 10 servidores do caixa escolar.

Possui 10 salas de aula, 01 sala para Educação Especial, Biblioteca, cozinha, banheiros comuns e banheiro acessível, secretaria, sala administrativa, serviço técnico-pedagógico, laboratório de informática, TV escola, lanchonete e área coberta.

Possui sala ambiente improvisada para o atendimento de alunos com necessidades especiais equipada com material didático pedagógico, enviado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

No ano de 2008, foi implantado em sua secretaria o PROESC EDUCACIONAL – trata-se de um programa que visa otimizar o atendimento prestado pela secretaria da escolar, de forma a dar maior celeridade ao atendimento à comunidade.

No ano de 2009, todas as salas receberam quadros magnéticos. No ano de 2010, deu-se início ao “Projeto Mais Educação”, que atende alunos no contra turno, com atividades artísticas, culturais, esportivas e pedagógicas.

Neste ano de 2011, está sendo implantada uma sala ambiente adaptada para funcionamento do Laboratório de Informática Educacional – LIED, contendo 18 computadores, contribuindo assim para uma educação globalizada.

Foi implantado também um anexo, em dois pavimentos, localizado na Rua Alberto Lima, nº 1366, no bairro Congós. No andar superior do prédio há duas salas de aula, sendo: uma com banheiro e uma sala de jogos do Projeto Mais Educação; e no térreo, duas salas de aula, uma sala da coordenação pedagógica, um banheiro e um hall de entrada. O mesmo atenderá alunos do 1º ano do ensino fundamental.

Em 17 de outubro de 2011, começou a funcionar o Anexo da Escola Estadual Professora Nelita Rocha Brito Dias, contendo quatro (04) salas de 1º ano, duas (02) no turno da manhã e duas (02) no turno da tarde.

A instituição desenvolve projetos como: Projeto de leitura, TV escola, Projeto Família, sócio-cultural, PROERD e Mais Educação. Todos os professores participaram e/ou participam do curso Pró-Letramento e, atualmente está promovendo estudos e estruturando o seu Projeto Político Pedagógico – PPP.

Objetivando prestar à sociedade amapaense um ensino voltado a formar indivíduos, em seus aspectos humanos, sociais, culturais e intelectuais,

conscientes da realidade em que vivem e capazes de intervir no meio social, visando a melhoria para si e à sociedade.

3.1.2 Participantes:

14 alunos da 4ª série do ensino fundamental

3.1.3 Materiais:

Computador; relatório de observação; roteiro de entrevista semi-estruturada; autorização dos pais dos alunos; pontos para instigar o diálogo; mini-gravador; caneta, papel.

3.1.4 Obtenção das informações coletadas:

A seleção dos participantes da pesquisa, bem como da escola campo deu-se pelos critérios: participação no programa mais educação e estar em situação de risco social. A escola é uma instituição estadual, o critério de escolha foi fato de a pesquisadora ter trabalhado alguns anos nesse ambiente escolar.

Após esse primeiro momento, foi solicitado aos pais dos alunos participantes da pesquisa uma autorização (APÊNDICE A), a fim de não haver constrangimentos futuros, uma vez que os alunos que participaram da pesquisa são menores de 18 anos.

A próxima etapa da pesquisa foi realizada através de uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE B) com os alunos participantes dessa pesquisa. Essa etapa foi relevante visto que se pôde saber, de modo geral, sobre a realidade psíquica, social e afetiva desses discentes.

Segundo Gil (2008, p.109) a entrevista, “é uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.” Por meio desta técnica pode-se fazer um levantamento das respostas com mais profundidade, para que venha contribuir no alcance dos objetivos da pesquisa.

Além da entrevista semiestruturada, outra maneira de se obter informações empíricas foi por meio da observação participante (APÊNDICE C). A observação foi realizada durante a realização das atividades no computador, bem como as discussões, através de um diálogo (APÊNDICE D), posteriores a essa atividade.

Freitas (2002) frisa que o uso da técnica da observação participante no contexto da sala de aula ou durante a realização do diálogo é relevante por levar em consideração discursos verbais, gestuais e expressivos, refletindo a realidade na qual os alunos do programa mais educação agem.

A atividade no computador foi por meio do *Kolourpaint* é um editor gráfico similar ao Paint da Microsoft. O trabalho com esse aplicativo seguiu os passos abaixo:

Tema - autorretrato: criando e recriando histórias

1. Foram feitas fotos dos alunos.
2. As fotos foram escaneadas e digitalizadas
3. Criação de uma pasta com nome “fotos + educação”
4. Os educandos participantes da pesquisa abriram o aplicativo e localizaram as suas fotos
5. Eles manusearam o aplicativo e fizeram as alterações que desejaram nas em suas fotos
6. Eles abriram o editor de texto e escreveram a sua história sobre a imagem visualizada. Seguindo as orientações abaixo:
7. Por que eu sou assim?
8. O que aconteceu para eu ser assim?
9. Eu posso mudar?
10. Como?

4. RESULTADO E DISCUSSÕES DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

Para a organização da análise das entrevistas e observações participantes, foram construídas três categorias, de forma que possibilitasse compreender como o uso do computador pode ser uma ferramenta para alunos do programa mais educação expressarem e reconhecerem sua autoidentidade e perceber como o uso deste instrumento pode ser uma maneira de ressignificar as relações interpessoais. Os discentes participantes desta pesquisa receberam nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente, a fim de preservar a identidade desses estudantes.

A primeira categoria explicitou o modo como ocorre a relação interpessoal dentro e fora do contexto escolar considerando: o contexto histórico-social dos discentes. Na segunda categoria foram expressas o autorreconhecimento dos alunos e a opinião dos discentes sobre si. E, por último, na terceira categoria, foi salientada a contribuição do uso do computador e a construção da autoidentidade dos alunos participantes deste estudo.

4.1 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

Após as transcrições das informações empíricas dos participantes deste estudo (alunos em risco social que participam do programa mais educação), foi realizada a análise com o objetivo de refletir sobre as expressões emitidas por crianças do programa mais educação tendo como meio o computador; analisar como os alunos do programa mais educação constroem, socialmente, a imagem de si; estimular autorreflexão e provocar diálogo entre os participantes da pesquisa a partir do que foi manifestado pelos discentes no computador.

A partir da organização das informações empíricas, foram construídas três (3) categorias: 1) a relação interpessoal intra e extra-escolar; 2) Autorreconhecimento; 3) O uso do computador e a construção da autoidentidade. Essas categorias terão expressadas as respostas dos alunos entrevistados, os quais receberam nomes fictícios.

4.1.1 A relação interpessoal intra e extraescolar

Esta categoria tem como propósito analisar a forma como ocorrem as relações interpessoais dos alunos que estão em risco social que participam do programa mais educação. Esse 1º item foi analisado a partir do contexto histórico-social e político que norteiam a rotina desses estudantes e suas concepções.

Deste modo, foi questionado aos discentes participantes da pesquisa sobre a relação com os colegas, amigos e pessoas conhecidas. Nesse sentido, há abaixo as respostas de alguns alunos, Fernando, Maria, Josué, Carlos e Larissa, salientando que a relação interpessoal com as pessoas conhecidas ou amigas é nula, superficial e prazerosa:

Fernando: Não....

Maria: a minha relação com meus colegas (da escola) é mais ou menos. Com as minhas amigas (perto de casa) trocam ideias...as minhas...a minha amiga é ótima!!

Carlos: na escola é neutra, assim como ouço... falo o que sinto. Fora da escola minha relação é diferente..os assuntos da escola fica na escola... não interessa!

Josué: dentro fora da escola minha relação é boa...não confio muito... troco ideias, expressões, mas não me sinto totalmente confiante.

Larissa: Dentro da escola tipo assim: vamos matar aula..fora da escola... tudo sobre fora da escola? Tipo assim: vamo fumar, vamo bater naquele menino!

A partir das falas dos entrevistados é possível asseverar que as relações interpessoais dentro do ambiente escolar precisam ser estimuladas, instigadas, uma vez que Fernando afirma que não tem interação alguma com os colegas da sala de aula ou com os outros alunos. Esse fato é de extrema preocupação no que se diz respeito ao processo de aprendizagem.

Isso porque a aprendizagem não é uma transferência do saber, mas uma construção alicerçada por meio do diálogo, de interação. Nesse sentido, Córdias (2012) afirma que homens e mulheres são seres históricos em constantes mudanças de interação com as demais pessoas do seu grupo social e o que possibilita essa interrelação é a linguagem. Evidencia-se,

portanto a relevância da linguagem no desenvolvimento dos indivíduos em si e dos grupos sociais.

Além do contexto acima, é possível discorrer que as relações interpessoais no contexto extraescolar se dá de forma mais proveitosa, com liberdade. De acordo com Fávero (2002, p.114) “o diálogo é a relação de um “eu” frente a um “tu””. Pressupõe, assim, a coexistência de saberes nos dois sujeitos que compõe a relação.

No entanto, mesmo que a relação extraescolar seja boa, ao mesmo tempo emerge uma pequena preocupação, posto que a escola ou os participantes dela não vivem isolados das outras áreas sociais. Logo, há apropriação de saberes, de comportamentos que podem refletir num contexto fora da instituição de ensino. Isso possibilita mudanças de comportamento, também. Esse fato ficou evidenciado na voz de Carlos, quando ele diz: *“na escola é neutra, assim como ouço... falo o que sinto. Fora da escola minha relação é diferente.. os assuntos da escola fica na escola... não interessa!”*

Uma das falas que mais expressaram como preocupação ou como de fato ocorrem as relações interpessoais no contexto intra e extraescolar foi evidenciada na fala de Larissa, quando ela expressa que *“Dentro da escola tipo assim: vamos matar aula.. fora da escola... tudo sobre fora da escola? Tipo assim: vamo fumar, vamo bater naquele menino!”*.

A fala supramencionada expressa como a realidade social de Larissa a expõe, a torna vulnerável a se apropriar de comportamentos agressivos e degradantes. Isso porque as relações interpessoais dentro ou fora de uma instituição de ensino a influencia a ter um “mal comportamento” a “desviar-se” do bom comportamento: solidariedade, respeito etc.

Quando questionados sobre como se dá a relação com os pais algumas respostas foram abrangentes outras bem pontuais. Conforme as falas abaixo:

Afonso: é uma relação ótima, assim como tenho carinho, tenho bons conselhos que irão fazer de mim um bom homem.

Maria: não converso..não me dão carinho e pronto!

Josué: tenho só minha mãe e meus irmão!

Larissa: às vezes meu pai me dá carinho, às vezes ele me bate.

As falas acima expressam o quanto o diálogo entre pais e filhos precisam melhorar e mudar, principalmente no que diz respeito à valorização e reconhecimento da potencialidade dos filhos, o fornecer e receber carinho precisam ser estimulados, visto que a relação entre pais e filhos de modo geral é percebida como uma ação árdua, sem conversa sobre o modo de se comportar, o porquê disso.

Isso porque o que se percebe é uma imposição quando me comporto bem recebo carinho, quando não, recebo violência física corporal e psicológica, uma vez que não é só o corpo que sente a dor, mas a mente recebe, também. Esse contexto é frisado na voz de Larissa: *“às vezes meu pai me dá carinho, às vezes ele me bate”*.

Nessa perspectiva, Paviotti (2012,p. 10) expressa que:

Temos, também, a brutalidade e a violência física presente nos lares das crianças. São atos de pais que em pleno século XXI, chamados de civilizados, batem em seus filhos provocando algumas reações na criança que podem passar a bater nos amigos e em crianças menores ou podem cair numa timidez extrema e ficar com medo de qualquer adulto, seja ele parente ou não.

Nesse sentido, a emoção é uma característica relevante durante o processo de ensino. Os pais ou os responsáveis pela criança e a escola precisam se atentar acerca desse sentimento, posto que a emoção pode ajudar ou prejudicar o aprendizado.

A consequência desse modo de relação generalista, observada e analisada através das respostas dos participantes desta pesquisa campo, é a ação intrapessoal realizada de uma maneira insatisfatória, ou seja, a incapacidade de perceber suas potencialidades intelectuais, bem como de um ser humano com valores éticos e morais. Isso porque a família é o primeiro grupo social que a criança participa, é o lugar, portanto, que se tem as primeiras experiências educacionais.

Segundo a Revista de Ciências da Educação (2002), a figura dos pais tem profunda influência acerca do desenvolvimento psicológico dos filhos. Muitas crianças apresentam dificuldades durante a construção da personalidade pela ausência dessas pessoas tão significantes.

Deste modo fica evidente a relevância de se ter uma boa relação tanto no contexto familiar quanto nas outras áreas sociais que as crianças venham a participar.

4.1.2 Autorreconhecimento

Essa categoria analisou como os alunos do programa mais educação se reconhecem. Para isso foi levado em consideração o contexto histórico-social e político que norteiam esses discentes.

Assim, foi questionado aos estudantes entrevistados se já mudaram de postura por causa de seus amigos, colegas, pais ou pessoas conhecidas. Abaixo estão as respostas dos alunos participantes:

Fernando: não respondeu.

Jesse: não.

Abner: não.

Rafaela: sim, quando acho que tem algo de errado.

Luana: não respondeu.

Marina: Não, eu nunca mudei de opinião por causa de ninguém.

Geovana: mudei...algo espontâneo.

Abraão: Não..nunca mudei.

Larissa: Eu fui obrigada pelos meus colegas.

Josué: Já, às vezes quando minha mãe fala pra eu fazer uma coisa e outra diz que está errado... eu fico em dúvida.

Maria: não respondeu.

Carlos: não mudei..foi algo espontâneo.

Fernando, Luana, Maria, não responderam. Isso demonstra que a mudança de comportamento não seja algo de reflexão deles, não há uma autoconsciência sobre a influência do outro na formação da minha autoidentidade, ou seja, como eles se reconhecem a partir da relação interpessoal. É válido, portanto, inferir que haja a não reflexão da identidade pessoal e social. Uma vez que o outro influencia na construção da autoidentidade.

Esse comentário é válido para as respostas de Jesse, Abner, Luana, Marina, Abraão, Maria e Carlos, posto que esses afirmaram que nunca mudaram de postura por causa de algum conhecido. Nesse sentido Souza (2012, p.5) afirma que: “[...] para cada um construir em sua singularidade, é fundamental a visão que os outros têm de sua pessoa [...]”.

As respostas de Larissa, Josué e Rafaela expressam que mudaram de postura por causa de alguém conhecido, no entanto simplesmente mudaram, não houve uma autorreflexão, mesmo com o “acho” dito de Rafaela ou as incertezas de Josué.

Esse fato é um tanto preocupante, posto que as mudanças devem ocorrer de maneira reflexiva, ou seja, de modo que valha a pena, de maneira sadia. Mesmo porque o autorreconhecimento significa também uma autorreflexão, quer dizer como me vejo em relação a mim.

Foi indagado aos alunos participantes sobre como eles se reconhecem. Assim responderam:

Fernando: não respondeu.

Jesse: um menino, inteligente, esperto e legal. Porque eu sou assim. O que me leva a pensar é porque meus pais, meus amigos me dizem que sou assim.

Abner: eu me acho muito extrovertido.

Rafaela: como uma pessoa maravilhosa e boa...

Luana: não respondeu.

Marina: eu me conheço como uma criança especial, criativa e amorosa.

Geovana: bom aluno, bom colega.

Abraão: eu não me reconheço.

Larissa: eu não me reconheço.

Josué: sou um tanto tímido tenho dificuldades em me relacionar...

Maria: não respondeu.

Carlos: me reconheço obediente...

A maioria dos entrevistados tem uma visão positiva de si. Esse fator é muito relevante no que diz respeito à formação da autoestima, da organização da autoidentidade saudável.

Algumas respostas merecem destaques como Josué, por apresentar uma consciência acerca de seu jeito, de sua visão de si e Carlos, por demonstrar uma certa alienação sobre sua história pessoal e social, por se reconhecer obediente ao que os outros conhecidos falam, pensam, ou seja, precisa ser estimulada uma reflexão crítica.

4.1.3 O uso do computador e a construção da autoidentidade

Essa categoria analisou como o uso do computador pelos alunos do programa mais educação estimula a construção da autoidentidade. Para isso foi levado em consideração o contexto histórico-social e político que norteiam esses discentes.

Os alunos foram motivados a realizar uma atividade envolvendo o computador como um instrumento de exteriorização de si. Nesse sentido, observou-se que todos os alunos discorreram sobre sua autoidentidade. Para tanto, eles expressaram sobre suas realidades socioculturais.

Esse fator foi relevante, porque foi possível inferir que o uso da tecnologia ou das mídias incentiva a participação, o interesse, na construção da imagem de si, uma vez que na categoria anterior Fernando, Maria e Luana não responderam, quando questionados sobre como se autorreconhecem.

Logo, é possível inferir que ao utilizar o computador como instrumento para os alunos participantes desta pesquisa expressarem sua autoidentidades favoreceu, bem como facilitou no andamento da pesquisa. Deste modo, foi por meio de um dos recursos disponibilizado pelo computador Kolourpaint, que possibilitou a expressão dos discentes participantes da pesquisa de si.

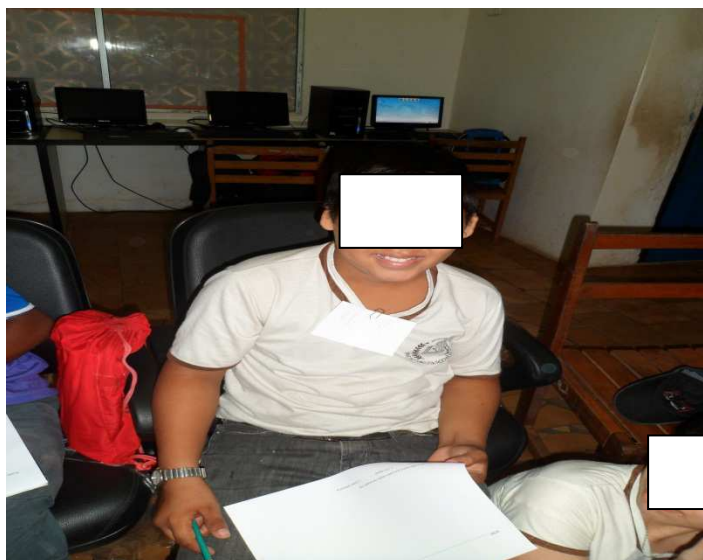
Durante a realização da atividade prática os alunos demonstraram ansiedade para manusear o computador. No desenrolar da atividade prática percebeu-se que: as crianças não tinham habilidades de trabalhar com editor de texto; são poucas as crianças que tem computador; outras só têm acesso à máquina na escola; são crianças que não tem acesso à tecnologia, como TV, telefone celular, etc.

Nesse sentido, Guedes e Sorj (2012, p. 1) expressam:

a exclusão digital se refere às consequências sociais, econômicas e culturais da distribuição desigual no acesso a computadores e Internet. Exclui-se, portanto, o acesso à telefonia. Embora o telefone pertença ao mesmo grupo de produtos de IC (Informática e Comunicação), inclusive porque compartilha a mesma infraestrutura.

Deste modo, é possível comentar que a equidade de oportunidade não significa equidade de condições, ou seja, as oportunidades existem, mas nem todos tem as mesmas condições financeiras, educacionais de atingí-la.

Abaixo estão alguns trabalhos dos alunos participantes da pesquisa. Os textos escritos pelos discentes foram colocados no trabalho na íntegra, ou seja, como esses escreveram os textos:



Fernando

eu tenho 12 anos eu quero ce bon me nimo o meu pais sou bacana eu quero respeita o meus pais as veses as pessoas trilham caminhos risco mais as aquelas pessoas que vira ladrao as acimo vedendo drogas, maconhas, xeira cola mais muitas as acimos, mais eles meresi fica dentro de deia aquelas criansas mas ruas que pudese o prefeito ajuda as que las criansas que vivem mais ruas mais vai munda pramelho mais não papio mais e tão bom fica ma casa da gente bem melho pra cidade melhora pra fica felis mais eu quero pasa pra faqldade aranja um emprego pra se pulisial melho.



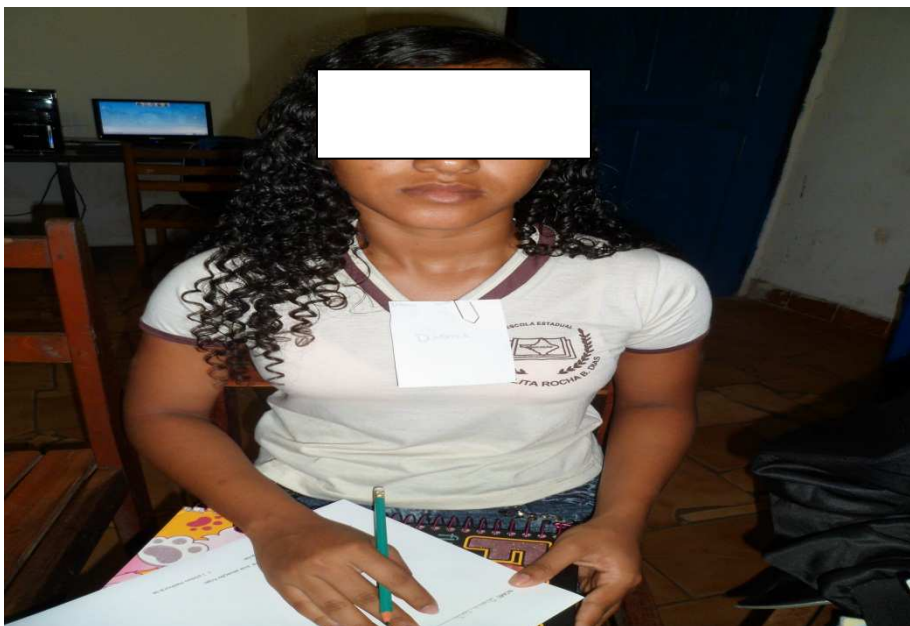
MARIA

meu sonho é ser bombeiro militar de macapala perto da minha casa tem gente que consome drogas e já tentaram saltar duas vezes a minha casa as vezes a sociedade certas regras que o cidadão não que cumpriras vezes as vezes as pessoas trilham em caminhos maus a sociedade é muito perigosa a sociedade torna ladrão maginal traficante e lá perto de casa tem gente que fuma crack e cheiram cola ela perto de casa tem um assassino e eu moro na décima sexta avenida dos cegos e eu não tenho contato com eles.



LUANA

TENHO 12 ANOS E LÁ PERTO DA MINHA CASA TEM UM ASSASSINO ELE FUMA DROGA CHEIRA COLO ESTRUPA SECRETO MATO .AS VEZES ASTRILHA CAMINHO DE RISCO DA PESSOAS EU CRERO SER ADVOGADA PARA TIRAR ESSE LADÃO DA RUA O LUGAR DELE E NA CADEIA POQUE AS PESSOAS JÁ ESTÃO CASSADAS DE VER JOVEM FUMADO CRAQUE. EU GOSTARIA QUE O GOVERNO TIRASSE SA CRIANÇA DA RUA.



MARINA

EU QUERO SER ADVOGADA E MEDICA E SOU MORENA E MINA COR PREFERIDA E ROCHA AS VEZES AS PESSOAS TRILHAM CAMINHOS DE RISCO FAZENDO O MESMO TER UMA MA CONDUTA NA SOCIEDADE LADRÃO ASSACINO VENDER DROGA, FAZENDO EU GOSTARIA QUE O GOVELTE TIRA AS CIRANCA DA RUAS PARA QUE FOCER EM QUAL EU.

As atividades acima demonstraram que a realidade sociocultural dos alunos participantes os põe em situação de vulnerabilidade social, contudo a redação deles demonstrou um grande desejo em mudar essa realidade.

O principal questionamento sobre a vontade de mudar a realidade é o fato deles apresentarem um papel social de destaque: policial, advogada, bombeiro, ou seja, não há uma possibilidade de mudança sem essa formação.

Nesse contexto, Schoen-Ferreira *et al* (2012, p. 1) expressa que:

A formação da identidade recebe a influência de fatores **intrapessoais** (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores **interpessoais** (identificações com outras pessoas) e de fatores **culturais** (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários).

Logo, essa autoanálise de si, de sua realidade social, cultural, histórica, econômica permite um repensar, resignificar posturas, concepções, bem como a construção da autoidentidade, visto que ela é um processo que ocorre

primeiro externamente e depois internamente, como um diálogo cheio de conflitos, mudanças, permanências etc.

Assim, há necessidade de instigar, estimular uma leitura crítica, reflexiva das realidades analisadas: social, cultural, histórica, as relações interpessoais, econômicas, para que os sujeitos que as compõem sejam sensíveis e conscientes em relação a si, a sua auto identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados analisados pode-se afirmar que a autorreflexão precisa ser instigada para que os alunos participantes da pesquisa possam perceber como a autoidentidade se forma, gera. Esse fator é relevante porque possibilita mudanças de comportamento, de atitudes sociais.

Além disso, observou-se nas falas dos alunos que embora a realidade sociocultural não seja favorável, eles têm o desejo de muda-la, de ressignificá-la desde que se tornem policial, bombeiro, advogado. Além disso, foi possível perceber a ausência e/ou superficial diálogo entre pais e filhos ou até mesmo em relação às pessoas conhecidas (colegas, amigos).

Os discentes, por meio de suas falas, não reconhecem a realidade das ações formativas que eles recebem (precária, sem qualidade), uma vez que a realidade social e cultural os põe em risco.

Além disso, os alunos participantes não demonstraram qualquer tipo de questionamento referente às realidades social e pessoal para a formação da autoidentidade. Freire (2005) afirma que pensar a realidade é refletir o processo histórico, social, cultural presentes nela que tem por finalidade a aceitação passiva dos ideários da política opressora (que dita as regras sociais e os comportamentos dos sujeitos).

A partir dos resultados apresentados há o entendimento que a hipótese desta pesquisa foi confirmada, pois as análises das narrativas dos alunos demonstram que através de um dos recursos disponibilizado pelo computador Kolorpaint, os alunos do programa mais educação puderam expressar a imagem de si. Isso porque esse editor gráfico similar ao Paint da Microsoft, possibilitou trabalhar com imagens. Deste modo, fornecerá espaço para interação entre a pesquisadora e os participantes dessa pesquisa, uma vez que os estudantes expressam sobre seus trabalhos. .

Assim, verificou-se que o uso da mídia estimula a participação, o pensar sobre si, uma vez que alguns alunos participantes da pesquisa antes do uso do computador não souberam ou não quiseram expressar o autorreconhecimento e com o uso dessa ferramenta conseguiram se expressar.

Deste modo, Kimmel e Weiner (1998, p. 4) afirmam que,

quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, mais o indivíduo valoriza o modo em que é parecido ou diferente dos demais e mais claramente reconhece suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita o apoio de opiniões externas para avaliar-se e compreende menos as pessoas como distintas.

Assim, para um novo repensar sobre a identidade pessoal dos alunos que participam do programa mais educação é necessária uma reestruturação social, cultural, ideológica, uma vez que a situação social que esses se encontram os vulnerabilizam.

Portanto, o uso da mídia ou o computador como instrumento de intervenção é possível haver uma mediação crítica acerca da realidade: cultural, social, histórica, política.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. [Volochinov, V]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOSI, Maria Carvalho. **A construção da auto identidade**. São Paulo: arquipélago, 1999.

BOSMA, H. A. **Le développement de l'identité a l'adolescence. L'orientation ScolaireetProfessionnelle**. 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. Disponível em www.mec.org.br. Acesso em: Jan. 25/06/2012, às 3h.

CAMPOS, Raffaelli. **Rede de trabalhos sociais e atividades diárias de adolescentes de rua em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Develo. 1994.

CÁRDIAS, Sibebe Macagnan. **O DIÁLOGO COMO ELEMENTO MEDIADOR DE PRÁTICAS EDUCATIVAS REFLEXIVAS**. Disponível em: <<<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/022e4.pdf>>> Acessado em: 20/07/2012, as 1h.

COLL, César; MARTÍ, Eduardo. A educação escolar diante das novas tecnologias da informação e da comunicação. in: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús (orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre. Artmed. 2ed. 2004.

CRUZ, Maria Nazaré; FONTANA, Roseli. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

DALBOSCO, C.A. **Incapacidade para o diálogo e agir pedagógico**. Passo Fundo, 2006.

DIAS, Rafaela Cyrino Peralva. **modernidade e identidade**. Disponível em: <<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822005000300013>>>Acessado em: 23/04/2012, as 2h.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FÁVERO, Altair Alberto, Org. **Filosofia e Racionalidade**. Passo Fundo: UPF, 2002.

FERREIRA, Marco Antônio. **Muito além da ajuda: uma leitura do emocional a partir de Daniel Goleman**. Disponível em: <<intranet.fainam.edu.br/aceso_site/fia/.../10_ar_muitoalem_10.pdf>> Acessado em: 02/07/2012, às 6h.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócia histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cad. Pesqui. No. 116 São Paulo July 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional *In*: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma L. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Maza edições, 1995.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **ESCOLA, ADOLESCÊNCIA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**. Disponível em:

<<www.brasa.org/sitemason/./Goncalves%20Maria%20A%20Salin.d>>

Acessado em: 28/-6/2012, às 2h.

GUEDES, Luís Eduardo; SORJ, Bernardo. **Exclusão Digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas**. Disponível em:

<<<http://pt.scribd.com/doc/101286838/Extra-Exclusaodigital-problemasconceituais>>>

Acessado em: 29/07/2012, às 6:30h.

HOUAISS, Antonio. VILLA, Mauro de Salles. **Mini dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa elaborado no Instituto Antonio HOUAISS de lexicografia e banco de dados da Língua Portuguesa S/C LTDA**. 3º ed. rev e aum. Rio de Janeiro: objetiva, 2010.

KIMMEL, D. C., & Weiner, I. (1998). **La adolescencia: una transición del desarrollo**. Barcelona: Ariel.

KLEIN, Otavio José. Comunicação: mediação, cultura, poder e cidadania. *In*: TEDESCO, João Carlos, PASTORE, Elenice. **Ciências Sociais: temas contemporâneos**. Passo Fundo: Méritos Editora, 2005.

KRIESANG, Vanderlei. **Informática educativa e cidadania: construção e resgate de espaços sociais por e para jovens**. Disponível em:

<<<http://www.iei.org.br/~vanderlei/dissert.pdf>>>

Acessado em: 21/04/2012, as: 3h.

PAVIOTTI, Natalice de Fátima. **A Família e a Educação: O comportamento familiar na formação educacional da criança.** Disponível em <<libdig.cneccapivari.br/index.php?option=com_rubberdoc>> Acessado em: 29/07/2012, às 1:30.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.* 19.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008 (educação e conhecimento).

Revista de Ciências da Educação. Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Ano 4 – nº6, 2002.

RIPPER, Afira V. **Significação e mediação por signo e instrumento.** Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1993000100005&script=sci_arttext>> Acessado em: 23/04/2012, as 4h.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena *et al.* **A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000100012&script=sci_arttext>> Acessado em: 24/08/2012, às 3h.

SILVA, Vera Lúcia Neri da. **AS INTERAÇÕES SOCIAIS E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA.** Disponível em <<<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt07/t079.pdf>>> Acessado em: 29/06/2012, às 5h.

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?.** Belo Horizonte: Mazza, 1995.

SOUZA, Robson. **A construção da auto identidade.** Disponível em <<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/73/75>>> Acessado em: 20/04/2012, as 2h.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. *In:* ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores.* Madri: Crítica. 1978.

_____. *Pensamento e linguagem.* 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZURBA, Magda Canto; MELGAREJO, Luiz Fernando Bier; FAGUNDES, Léa da Cruz. **Jovens em situação de risco em Florianópolis: um estudo do desenvolvimento da identidade e da inteligência no uso da rede internet através do sistema hipernet.** Disponível em:
<<http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/laplata/lp5/15.htm>>Acessado em:
20/04/2012, as: 3h

APÊNDICE

APÊNDICE A – autorização dos responsáveis dos alunos

Título do Projeto: o uso do computador como um das formas, dos alunos do programa mais educação, expressarem e reconhecerem sua auto identidade: uma maneira de ressignificar as relações interpessoais.

Pesquisadoras Responsáveis:

Ana Lúcia Silva da Silva – Contato: (96) 9119-0864

Nome da (o) orientador (a) – Contato: (96)

Esta pesquisa objetiva compreender como os alunos do programa mais educação constroem suas auto identidade utilizando o computador como ferramenta mediadora com intuito de ressignificar ações interpessoais, assim como intervir na realidade pessoal e social desses discentes utilizando o computador como ferramenta.

Nesse estudo participarão os estudantes do programa mais educação foco da pesquisa. Será realizada observação ao longo das atividades com os adolescentes e uma entrevista com a psicóloga. Informa-se que será garantido o sigilo sobre a identidade dos participantes da pesquisa: os alunos do programa mais educação. Avisa-se que o resultado da pesquisa será divulgada na pesquisa durante a defesa da monografia. Na divulgação dos resultados os participantes poderão receber nomes fictícios ou serem identificados por letras ou números. A participação de jovens de menor de 18 anos só será realizada, se seu responsável autorizar, posto que a participação é completamente voluntária e depende da autorização de seus responsáveis legais. Desde já se agradece a sua colaboração e colocamo-nos à sua disposição para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa.

AUTORIZAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS

Eu, _____,
responsável pelo (a) jovem
_____ declaro que fui
esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa a ser
realizada pelas (os) pesquisadores (as) e AUTORIZO de meu (minha) filho (a).
Declaro estar ciente do uso exclusivo das informações para fins de estudos.

Responsável

Macapá-AP, _____ de _____ 2012.

APÊNDICE B – roteiro de entrevista semiestruturada

1 Como é a sua relação com seus colegas, amigos, pessoas de modo geral? (de confiança, vocês trocam ideias, expressam o que sentem)?

2) Como é sua relação com seus amigos, colegas, pessoas na escola (de confiança, vocês trocam ideias, expressam o que sentem, são os mesmos de fora da escola)?

3) E como você age com as pessoas na escola e fora da escola (você age como eles querem ou você age da mesma maneira)?

4) E sua relação com seus pais (tem diálogo, carinho)?

5) Você já mudou de opinião sobre sua postura por causa de seus amigos, colegas, conhecidos ou de seus pais (foi algo espontâneo ou obrigado)? Por quê?

6) Como você se reconhece? Por quê? (o que leva você se reconhecer assim, qual a imagem que você faz de si)

APÊNDICE C – relatório de observação

Como as crianças estão?

Demonstram calma, aborrecimento, insatisfação...?

Participam espontaneamente das discussões?

Outras observações:

APÊNDICE D – perguntas para instigar o diálogo

Vocês encontraram dificuldades na realização da atividade? Quais? Por quê?

Vocês acharam legal o uso do computador para realizar essa atividade? Por quê?

A partir do que vocês fizeram qual a imagem de vocês, quer dizer como vocês se veem? Por quê?

É possível mudanças de comportamentos? Como?

APÊNDICE E – autorização para a pesquisa campo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA EM CAMPO

Eu, _____, DIRETORA da Escola _____, autorizo a realização da pesquisa (que ocorrerá nos dias 15 e 16 de agosto) abaixo descrita nesta Instituição para a realização do trabalho de pesquisa intitulado: o uso do computador como um das formas, dos alunos do programa mais educação, expressarem e reconhecerem sua auto identidade: uma maneira de ressignificar as relações interpessoais, realizado sob orientação da Prof^a Raimunda, tendo como pesquisadora Ana Lúcia Silva da Silva para fins de trabalho de pós-graduação. Informo que a autorização está condicionada à realização da pesquisa conforme princípios de ética e responsabilidade.

Descrição da pesquisa:

Esta pesquisa objetiva compreender como os alunos do programa mais educação constroem suas auto identidade utilizando o computador como ferramenta mediadora com intuito de ressignificar ações interpessoais, assim como intervir na realidade pessoal e social desses discentes utilizando o computador como ferramenta.

Nesse estudo participarão os estudantes do programa mais educação foco da pesquisa. Será realizada observação ao longo das atividades com os adolescentes e uma entrevista com a psicóloga. Informa-se que será garantido o sigilo sobre a identidade dos participantes da pesquisa: os alunos do programa mais educação. Avisa-se que o resultado da pesquisa será divulgada

na pesquisa durante a defesa da monografia. Na divulgação dos resultados os participantes poderão receber nomes fictícios ou serem identificados por letras ou números. A participação de jovens de menor de 18 anos só será realizada, se seu responsável autorizar, posto que a participação é completamente voluntária e depende da autorização de seus responsáveis legais. Desde já se agradece a sua colaboração e colocamo-nos à sua disposição para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa.

Macapá-AP, _____ de _____ de 2012.

Diretora